



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**



**GESTÃO ESCOLAR E ENSINO DAS ARTES:
PERCORRENDO OUTROS CAMINHOS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Daniela Medeiros

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

GESTÃO ESCOLAR E ENSINO DAS ARTES: PERCORRENDO OUTROS CAMINHOS

por

Daniela Medeiros

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização
Lato-Sensu em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Leila Adriana Baptaglin

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**GESTÃO ESCOLAR E ENSINO DAS ARTES: PERCORRENDO
OUTROS CAMINHOS**

elaborada por

Daniela Medeiros

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Ms. Leila Adriana Baptaglin (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Prof. Dr. Luis Fernando Lazzarin (UFSM)
(Membro)

Profa. Ms. Lúcia de Fátima Royes Nunes (UFSM)
(Membro)

Alexandra Silva Santos Furquim (UFSM)
(Suplente)

Santa Maria, 09 de julho de 2010

Dedico este trabalho à Escola que possibilitou que ele se desse desta maneira. Que me acolheu e confiou enquanto educadora e pesquisadora, permitindo-me utilizá-la e apresentá-la a partir do meu olhar. Que acreditou que não me propunha em nenhum momento a usá-la como “cobaia” ou exemplo, mas sim como uma possibilidade de reflexão, de incitação e produção de novos questionamentos e conhecimentos. Muito obrigada pela parceria e confiança!

Agradeço a meus pais e ao meu namorado, Gláucio, pelo apoio, confiança e escuta em momentos de dúvidas e incertezas. Agradeço à Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Ângelo Chiamolera, que sem esta abertura e confiança esta caminhada não seria possível. Agradeço à Dani Noal, minha professora e orientadora na graduação, a qual me incitou e orientou a pensar no problema de pesquisa que este trabalho nos traz e, desta forma, me induziu a dar alguns passos nesta direção. Agradeço à Marilda, minha orientadora no Mestrado, por acreditar e apostar em mim. Junto a ela, agradeço à Leila, minha orientadora neste trabalho de especialização, que se dispôs a caminhar comigo, apostou nos passos que me propus a dar e que em nenhum momento desacreditou na importância deste caminhar. Que ao contrário de muitos não achou esta caminhada imprópria, sem rigor metodológico, bagunçada ou poética demais para apresentar-se como um projeto de especialização. Que tampouco me orientou a desistir de caminhar, mas se dispôs e conseguiu me compreender nestes labirintos a que me propus caminhar e que com isso tornou-se minha companheira de caminhada. Muito obrigada a todos (as)!

A aposta é na liberdade de professoras/professores inventando a si mesmos e seus fazeres em sala de aula, ao sabor da inocência de certo aprendizado, experimentando o traçado de seus próprios mapas de arte, desenhando lineamentos para percorrer lugares pouco explorados, sítios valorizados, buscando trilhas e clareiras junto com seus aprendizes. Ousando aprender a desaprender. (Picosque; Martins, 2007, p.350)

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

GESTÃO ESCOLAR E ENSINO DAS ARTES: PERCORRENDO OUTROS CAMINHOS

AUTORA: DANIELA MEDEIROS
ORIENTADORA: LEILA ADRIANA BAPTAGLIN

Data e Local da Defesa: Santa Maria/RS, 09 julho de 2010.

O presente trabalho, apresentado como uma caminhada reflexiva buscou verificar como a arte é pensada e utilizada como alternativa/caminho nas propostas dos gestores escolares. Os caminhos encontrados apresentaram-se dispostos em um labirinto, incitando-nos a trocar de trilha e não mais seguir pelo caminho do menor esforço. Estas trilhas propostas orientam-se pelas artes a fim de que possamos perceber os processos de gestão embasados em uma nova perspectiva, das artes e da educação. Assim, passo a considerar as diferentes manifestações artísticas propostas pelos gestores, sejam elas nas Artes Visuais, Cênicas, Música ou Dança. Desta maneira, oriento este caminhar a partir de alguns passos já dados. Passos estes realizados na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Ângelo Chiamolera, localizada na zona rural do município de Bento Gonçalves/RS/Brasil. Posto isso, justifico que tal projeto não intenciona servir-nos como um modelo a ser seguido, tampouco oferecer receitas ou respostas fechadas no final. Caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, considerando assim minha vivência/experiência junto a escola como principal instrumento de pesquisa. O trabalho, finalmente, busca servir-nos como uma bússola, de maneira que a partir da realidade apresentada possamos refletir sobre nossa própria prática diária, repensando atitudes e maneiras de (re) construir o ambiente escolar a partir da gestão escolar democrática.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Artes. Outros Caminhos.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

GESTÃO ESCOLAR E ENSINO DAS ARTES: PERCORRENDO OUTROS CAMINHOS

(SCHOOL MANAGEMENT AND ART TEACHING: GOING THROUGH OTHER
WAYS)

AUTHOR: DANIELA MEDEIROS

ADVISER: LEILA ADRIANA BAPTAGLIN

Data e Local da Defesa: Santa Maria/RS, 09 de julho de 2010.

The present research showed as a reflexive journey, sought to determine how art is conceived and used as an alternative / path in the proposals for school managers. These ways, like a labyrinth, incite us to change the trace and stop walking on the less effort route. The proposed ways guide themselves by the arts to permit that we can notice the management processes based on a new perspective: arts and education. Then, I considered the different artistic manifestations as Visual Arts, Scenic, Music or Dancing. From this aspect, I suggest this journey began from some previews steps. Steps realized at State Elementary School Professor Ângelo Chiamolera, placed in the country of Bento Gonçalves/RS/Brazil. I justify that this project did not intention serve us as a model to be followed, neither offer standards nor closed answers at the end. It is a qualitative research, considering my experience at school as the most important research instrument. Finally, this work can be like a magnetic needle, because from the showed reality we can reflect about our daily practices, rethinking attitudes and manners of (re) construct the school environment from a democratic school management.

Keywords: School management. Arts. Alternative ways.

LISTA DE FIGURAS

As figuras apresentadas neste trabalho articulam-se de forma a proporcionar o diálogo com o texto, visto que a grande maioria delas foi realizada nos momentos de minha interação no espaço escolar e perfazem a comunicação do que ora apresento. Desta maneira, não intento utilizá-las como forma de ilustração, mas de incitação e reflexão. Assim, justifico a opção por não nomeá-las ou numerá-las.

SUMÁRIO

1	UM CONVITE PARA A CAMINHADA.....	11
2	POR QUE TRILHAR POR ESTE CAMINHO? JUSTIFICANDO.....	13
3	CONVIDANDO AUTORES (AS) PARA A CAMINHADA.....	16
	3.1 As artes e a sua inter-locução com o contexto escolar.....	16
	3.2 Gestão escolar: outros caminhos começam a se configurar.....	22
4	ESCOLHENDO UM CAMINHO E APRESENTANDO COLABORADORES..	29
5	SOBRE OS PASSOS QUE ME GUIARAM A ESTE CAMINHAR.....	33
	5.1 Artes Visuais.....	34
	5.2 Artes Cênicas.....	38
	5.3 Música.....	41
	5.4 Dança.....	44
6	ÚLTIMOS PASSOS DESTA CAMINHADA, MAS OS PRIMEIROS DE TANTAS OUTRAS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	50

1 UM CONVITE PARA A CAMINHADA

Início meus escritos tentando caracterizar de forma breve o trabalho que aqui proponho e defendo. Acredito que poderia ser caracterizado como um importante momento de reflexão e retomada de estudos e práticas a partir de um entrecruzamento que perpassa meu período de graduação em Educação Especial (de início de 2005 até o final de 2008), de atuação docente e atualmente de especializanda em Gestão Educacional, tendo seguimento e continuidade nos estudos do Mestrado em Educação.

Saliento, inicialmente, que algumas vezes já me aventurei a trilhar pelo imprevisível caminho das artes e agora, nesta retomada, convido você, leitor, a trilhar comigo, de forma que possamos, ao longo da caminhada, conversar e refletir sobre as artes em torno do papel assumido pelos gestores escolares. Para tanto, tomo como ponto de partida alguns momentos de vivências, trocas e diálogo na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Ângelo Chiamolera, localizada na zona rural do município de Bento Gonçalves/RS/Brasil.

Penso que esta caminhada aqui proposta permite-nos refletir sobre a arte vir a ser uma possibilidade ou caminho para a gestão democrática, permitindo-nos questionar sobre as fissuras que esta relação nos causa. Uso aqui destas questões como problemas de partida que tentarei, ao longo desta caminhada reflexiva encontrar trilhas que talvez indiquem-nos possibilidades de resposta(s) ou, mais provavelmente, incitem-nos novos questionamentos. Assim, parto da minha vivência docente de forma a possibilitar reflexões e pesquisas sobre a relação das artes na gestão democrática.

Desta forma, a caminhada a qual te convido, tem como objetivo principal e geral perceber se a arte é pensada e utilizada como alternativa/caminho nas propostas dos gestores escolares, de forma que os alunos tenham possibilidades/oportunidades de se envolver em atividades e momentos artísticos, sejam eles relacionados às Artes Visuais, Cênicas, Música ou a Dança. Além disso, traço também alguns objetivos específicos, que intentam perceber de que forma a arte é valorizada/trabalhada pelos gestores escolares no ambiente de uma escola da rede pública e de zona rural, buscando compreender se a arte, sendo pensada e trabalhada, modifica o ambiente escolar e de que maneira. Junto a isso poder perceber e identificar a opinião dos gestores em relação a estas propostas.

Vale destacar que tais objetivos (gerais e específicos) orientam-se pela função desempenhada pelos gestores escolares, a fim de (re) pensarmos sobre o reflexo de suas ações e iniciativas diante das necessidades e interesses dos alunos. Tais constatações poderão ser

observadas e contornadas pelo PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, assim como vivências, “entrevistas”, conversas e percepções que me acometeram durante o período em que estive em contato com a escola, acompanhando, certamente, com referenciais teóricos que abordam e dão respaldo a proposta apresentada.

Enfim, esta caminhada parte de algumas inquietações e busca na prática (considera-se aqui que a prática equivale ao período de um ano em contato direto com a escola) respostas para tais. Considero este período de prática (observação participativa) como meu instrumento principal de pesquisa, já que posso defini-lo de diferentes e importantes momentos, são eles: conversas com professores (as) em reuniões, intervalos de recreio e momentos artísticos (conhecendo e compreendendo melhor o Projeto Político Pedagógico da Escola), com os alunos e pais (sendo educadora especial na sala de recursos tinha um importante contato com alguns pais, além de momentos importantes de diálogo e escuta com alguns alunos da escola) e funcionários da escola (em intervalos de recreio e horário de almoço), de forma a perceber a opinião e participação de cada um nas propostas artísticas; meu próprio envolvimento e participação em tais propostas, auxiliando na organização da Amostra de Arte, das conversas com artistas e escritoras (es), dos momentos de homenagens, da escuta aos ensaios e apresentações artísticas de flauta doce ou coral. Esse envolvimento em diferentes momentos talvez possa se justificar pelo fato da Escola ser de pequeno/médio porte e, portanto este meu envolvimento se tornou mais fácil¹.

Assim, compreendo que esta prática aqui utilizada como instrumento de pesquisa, envolveu “disfarçadamente” entrevistas e questionários, porém, de forma natural, sem correr o risco das respostas pensadas, elaboradas e muitas vezes incoerentes com a realidade. Desta maneira, as informações que trago no trabalho foram aquelas observadas, vividas e sentidas, sem “enfeites” provavelmente observados nos tradicionais questionários ou entrevistas. Além disso, utilizo-me do Projeto Político Pedagógico da Escola e de fotografias de alguns momentos artísticos, considerando-os como documentos importantes durante as reflexões.

Posto isso, contorno estes importantes momentos de vivências, de dúvidas e pré-conhecimentos com referenciais teóricos que acredito que defendem/seguem e/ou avaliam esta forma de perceber a educação, ou melhor, a importância da posição dos gestores e dos resultados da aplicabilidade de uma gestão verdadeiramente democrática.

¹ Penso que em uma escola de grande porte estes movimentos coletivos, envolvendo todos os alunos e professores, tornem-se mais difíceis de acontecer e se organizar.

2 POR QUE TRILHAR POR ESTE CAMINHO? JUSTIFICANDO...

Utilizando-me dos labirintos de Corazza (2007), saliento inicialmente sobre os diferentes caminhos que vemos a nossa frente, podendo optar por qualquer um, podendo nos arriscar e sair do tradicional, experimentar novas sensações e descobrir novos movimentos até então desconhecidos. Para tanto, permito-me andar por estes labirintos escolhendo um caminho ainda pouco trilhado, o caminho das artes.

Assim, esta caminhada torna-se relevante na área educacional compreendendo a atual importância teórica dada a tal assunto (o que pode ser verificado nas dissertações, teses e publicações em revistas e/ou periódicos) e contrapondo-se a isso, a falta ou reduzida aplicabilidade de tais teorias, ou seja, o trilhar pelos labirintos muitas vezes não acontece. Costa (2007, p. 100) esclarece melhor esta dicotomia ao afirmar que

Há inúmeros exemplos a nos indicar que a conscientização não garante a emancipação. Um deles, que nos toca mais de perto, é a própria experiência do movimento docente. Temos hoje, no país, um imenso contingente de professoras e professores que alcançaram um elevado grau de conscientização relativo às circunstâncias políticas, históricas e culturais que degradaram o *status* de seu campo de trabalho e de sua identidade profissional. Apesar disso, continuam impossibilitados/as de operar transformações substantivas em seu trabalho e em sua posição devido a condições restritivas, objetivas e subjetivas que permeiam as questões implicadas em sua ocupação.

Além disso, a autora complementa, (Costa, 2007, p.100) “O fato de serem conscientizados/as, atuantes e críticos/as não os/as torna autônomos/as para imprimirem ao seu trabalho a direção que desejam.” Assim, considerando estes pontos apresentados por Costa, entendo que apesar de tanto se falar/estudar/pesquisar e até mesmo constatar, ainda nos deparamos com algumas escolas com professores que buscam cursos de formação, sendo que o objetivo destas buscas muitas vezes limita-se a um aumento de salário e mudança de nível, sem que os conhecimentos trabalhados reflitam-se na sua prática diária. Além disso, também encontramos profissionais de formação antiga e ultrapassada, que se mostram indispostos e descrentes frente a práticas educacionais que envolvam as artes, visto a imprevisibilidade de seus resultados.

Apesar destas constatações um tanto pessimistas talvez, percebo também, mesmo que nas entrelinhas, que as artes estão lá, podemos percebê-la em movimentos às vezes tímidos e pouco encorajados, possuem seus educandos seguidores e motivados, mesmo que timidamente. Isso é preciso ser percebido e mostrado àqueles que não vêem, que parecem

cegar diante de práticas ultrapassadas, tradicionais e demasiadamente fechadas, sem possibilidades de aberturas, rompimentos ou modificações.

Lampert (2005, p.155) permite-nos refletir em torno desta relação arte-educação, salientando que

Se pensarmos que a arte sempre ocupou um lugar indispensável na vida do homem, não somente usada como um instrumento para desenvolver sua criatividade e percepção, mas especialmente importante em si mesma, como assunto e objeto de estudo que constitui modos específicos e manifestações da atividade criativa do homem ao interagir com o mundo em que vive, então, penso que desta forma, é importante ressaltar que a atividade criativa é inerente ao ser, por apresentar múltiplas combinações dentre diversas áreas de conhecimento, bem como emoções e idéias.

Posto isso, a proposta torna-se significativa visto que busca refletir sobre a atuação de gestores escolares (considero gestores todos os professores que envolvem-se e constituem o contexto escolar, para tanto, ao longo desta caminhada optei por utilizar somente o termo gestor). Temos então, a possibilidade de refletir sobre suas práticas na escola, de forma a melhor compreender os reflexos de suas atitudes e posicionamentos no seguimento das práticas educacionais.

O gestor pode buscar mais, pode mudar e melhorar sua prática diária. Pode buscar nas artes outro trilhar para guiar seu projeto. Conforme segue Lampert (2005, p.156) “É justamente porque a arte mobiliza as práticas culturais, apontando para múltiplas visualidades e visibilidades do conhecimento que é necessária a vários processos.” E conclui afirmando que “Deste modo, assumimos que a arte pode ser ensinada e aprendida, tendo a necessidade de se trabalhar a organização pedagógica das inter-relações artísticas, estéticas e sociais.” Junto a isso Hernández *apud* Arantes (2009) ratifica a importância do papel assumido pelo gestor colocando que

Ser, na atualidade, um professor quer dizer desenvolver as capacidades de ensinar, de comunicar-se com e de ser compreendido por crianças e jovens de diferentes origens culturais e sociais que, muitas vezes, têm interesses, crenças e valores específicos que representam diferentes grupos e microcomunidades. Com frequência o professor deve aprender a ser (multi) alfabetizado junto a seus estudantes. Este fato coloca em situação de risco muitos docentes acostumados com sua posição de especialista do conhecimento. Esta situação requer que o professor crie condições apropriadas para a aprendizagem e leve em conta o universo de experiências dos estudantes. (...) (Hernández *apud* ARANTES 2009, p.36)

Com estas colocações, a gestão democrática, a fim de assim ser caracterizada, deve preocupar-se com as necessidades da sociedade envolvida, não somente de pequenos grupos.

Desta forma é possível que haja uma participação ampla e democrática na tomada de decisões dos diferentes setores sociais que compõe a comunidade envolvida.

Finalmente considero que todos estes que se envolvem, de uma maneira ou de outra, no processo de ensino e aprendizagem caracterizam-se, conseqüentemente, como gestores, de forma que devem buscar na educação um caminho que potencialize uma maior autonomia, independência e desenvolvimento a partir da coletividade. Martins (2006, p.59) complementa proferindo que

Numa administração escolar verdadeiramente democrática, todos os envolvidos direta ou indiretamente no processo participam das decisões que dizem respeito à organização e ao funcionamento escolar. Em termos práticos, o registro implica uma forma de administrar que abandona o tradicional modelo de concentração da autoridade nas mãos de uma só pessoa, em geral o diretor, evoluindo para formas coletivas que propiciem a socialização do poder de maneira a atingir-lhe os objetivos.

Diante disso, aposto em um trabalho de gestão apoiado em valores democráticos, e aposto, ligado a isso, em um trabalho de gestão que se utilize das artes como uma aliada, uma ponte de comunicação entre os gestores, os alunos e demais sujeitos envolvidos. As artes, estando presente no cotidiano escolar, modificam o ambiente e tornam as práticas da democracia na gestão realmente possíveis de acontecer, de saírem da teoria e partirem efetivamente para a prática. Assim, cabe aos gestores a função de constituir e contribuir para uma gestão democrática de forma que venha a qualificar seus sujeitos não somente como atores, mas também como autores modificadores de uma práxis histórica de expressão e impulso produtivo.

3 CONVIDANDO AUTORES (AS) PARA A CAMINHADA

3.1 As artes e a sua inter-locução com o contexto escolar

Após ter dado os primeiros passos por esta trilha convido alguns autores para a caminhada, de maneira a expandir nossos conhecimentos acerca deste entrecruzamento das artes com a educação. Assim, neste primeiro momento intento conversar acerca de assuntos relacionados às artes e às diferentes culturas e identidades que constituem o ambiente escolar. Aposto na necessidade de uma melhor compreensão acerca destes conceitos, de maneira que ao entrecruzá-los com a gestão escolar a compreensão se torne mais fácil e coerente. Além disso, segundo Candau (2008, p.13)

[...] não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura (s). Estes universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação.

Posto isso, o que me parece é que a escola sempre teve dificuldades em lidar com estas questões plurais, que nos diferem e nos identificam em seres únicos, diferentes, que constituem a escola como um ambiente heterogêneo. Desta maneira, parece-me que atualmente o grande desafio dos gestores é possibilitar uma abertura para a diversidade, para este cruzamento de culturas, afinal de contas o mundo está em constante mudança, da mesma forma que as pessoas.

Seriam as artes uma possibilidade de trabalhar o entrecruzamento de culturas e dialogar com os processos de mudança cultural? (Para irmos refletindo ao longo deste caminhar). O fato é que

Os educadores e educadoras estão chamados a enfrentar questões colocadas por esta mutação cultural, o que supõe não somente promover a análise das diferentes linguagens e produtos culturais, como também favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar e na sociedade. (CANDAU, 2008, p.35)

Acredito que Larrosa (2001) e Corazza (2007) possam nos esclarecer alguns pontos importantes a fim de ressaltar os benefícios e contribuições deste campo, de modo a instigar/motivar gestores e escolas em geral a uma nova forma de pensar e trabalhar,

preocupar-se com “movimentos” muitas vezes esquecidos, mas absolutamente importantes na constituição do aluno enquanto sujeito.

Larrosa (2001, p.230) afirma que “[...] o frutífero da arte é que, do mesmo modo que a ciência pode descobrir novos objetos não previstos, pode-se descobrir artisticamente novas ‘Londres quaisquer’ até agora não originadas; por isso arte é sempre coisa do futuro”.

Estabeleço um paralelo às palavras do autor, constatando que a arte pode nos permitir conhecer melhor nossos alunos (e a nós mesmos) que são nossos companheiros de caminhada, descobri-los/descobrimo-nos de uma maneira que até então não havia sido possível. A arte se apresenta, na minha concepção, como reveladora. Com ela e submersos nela não é possível disfarçar sentimentos e sensações, ela é transparente, nos expõe, e não pode mais ser considerada somente como uma forma de linguagem e comunicação, já que nos incita ao questionamento, às dúvidas, ao surgimento de novas concepções e novos conhecimentos.

Assim, justifico-me salientando que, ao utilizar-me de fotografias ao longo deste trabalho, considero-as não somente como forma de representação ou ilustração, mas como objetos de reflexão, de incitação. Martins (2007) ao explicar alguns conhecimentos e teorizações acerca da cultura visual afirma que

As imagens nos constroem como sujeitos num labirinto de teias de significado que se interconectam nas dimensões sociais e simbólicas da cultura. O conhecimento, assim como a cultura, é construído a partir de múltiplas vozes, sentidos e perspectivas que refletem influências políticas, econômicas, religiosas e sociais. (MARTINS, 2007, p.33)

Desta maneira, esclareço a forma como percebo a utilização de imagens, sejam aqui neste trabalho (fotografias) ou sejam no ambiente escolar. Acredito que elas possam/devam ser pensadas e utilizadas não somente e simplesmente para ilustrar aquilo que já foi dito, falado ou explicado. Penso que elas devem ser usadas com o intuito que aqui proponho, de forma a nos fazer refletir, de nos causar sensações ainda não sentidas, de nos fazer pensar de uma outra forma que não aquela já pensada.

Espero, junto a estas considerações, esclarecer, ao longo da caminhada algumas concepções que trago a respeito da arte e da mesma maneira, incitá-lo (a) a novas elaborações. Assim, após este breve esclarecimento acerca das imagens, passo a fala a Corazza (2007), de forma que possamos compreender também os cuidados necessários para a caminhada por esta trilha. A autora afirma que

Seus corredores estão dispostos em uma ordem tumultuosa, que depois de neles entrar é quase impossível encontrar a saída, mesmo que desejemos. O traçado de seu

desenho é formado por linhas sinuosas e imprevisíveis, das quais, quando se está dentro, não se tem a mínima idéia de onde levarão, nem onde estão seus pontos de fuga, ou mesmo aqueles de aprisionamento. Lugar onde muitas vezes é preciso voltar sobre os próprios passos, para encontrar outras possibilidades de continuar em movimento; ou então gritar bem alto para que o som da própria voz seja a única a fazer companhia, e não se morra de solidão. (CORAZZA, 2007, p.105 – 106)

Com isso compartilho da idéia da autora compreendendo que o caminho contornado pelas artes nem sempre é o mais fácil e seguro. Aparece-nos como um labirinto. Para percorrermos por esta trilha é preciso arriscar-se, já que não se sabe exatamente aonde irá chegar. Você pode perder-se e ter que reencontrar o caminho de volta. E, talvez, estas incertezas e incompatibilidades com a educação, que busca resultados previsíveis, seja uma das possíveis respostas para muitos gestores agarrarem-se ao tradicional ou aquilo que já existe ou foi feito e criado por um outro.

No entanto, devo lembrar que as escolas são formadas por grupos cada vez mais heterogêneos. Grupos de alunos com diferentes histórias, famílias, conhecimentos, comportamentos, dificuldades e interesses. Assim, devemos nos conscientizar de que

A escola é uma agencia importante na constituição de quem somos e seus discursos podem legitimar outros sentidos sobre quem podemos ser ao apresentar outras narrativas para a vida social menos limitadas/aprisionadoras e mais criativas para nossas histórias e orientadas por um sentido de justiça social. Isto é especialmente importante se pensarmos que a escola é um dos primeiros espaços públicos a que crianças/jovens têm acesso, que pode contemplar alternativas para os sentidos do mundo privado da família ou de outras instituições (da Igreja, por exemplo) sobre quem podem ser. (LOPES, 2008, p.134)

Desta maneira, questiono sobre o real benefício da aplicabilidade de práticas previsíveis, tradicionais, que não permitem fugas, desvios, novas criações ou invenções diante das diferentes identidades que constituem as escolas (e também se constituem nelas). Pois, segundo Candau (2008, p.28) “devemos ser educadores/as capazes de criar novas maneiras de situar-nos e intervir no dia-a-dia de nossas escolas e salas de aula.”.

É preciso tomar consciência de que nem sempre a cultura do educando é valorizada ou reconhecida no ambiente escolar. E, no que se refere ao termo cultura, Hall (1997) corrobora com tais entendimentos, salientando que a cultura é um elemento dinâmico e imprevisível, perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos de tais acontecimentos. Em resumo, “nossas identidades são formadas culturalmente.”.

Assim, conforme sua cultura e a cultura de sua família o educando poderá se perceber em consonância com a escola ou em total desequilíbrio. São questões que influenciam em seu

desempenho e comportamento escolar e são diretamente influenciados pelo projeto da escola e a posição dos gestores escolares.

Diante disso, cabe ao gestor propor um trabalho que não discrimine ou supervalorize as diferentes culturas encontradas na escola. Igualizar as oportunidades de aprendizagem refletindo sobre sua própria prática diária já que Weisz (2006, p.48) afirma que “dependendo de como as desenvolve, pode estigmatizar as crianças, prejudicando sua auto-estima e dificultando, com isso, seu envolvimento com as situações de aprendizagem”. E Hernández (2008, p.102) complementaria “[...] la educación para la diversidad puede orientarse através de la autorreflexión y la investigación com métodos artísticos”.

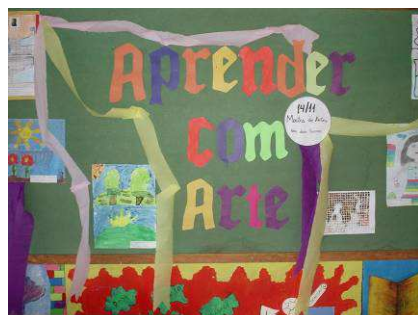
Dando seguimento as palavras de Hernández, acredito que as artes aparecem como uma forma de reafirmar a existência do sujeito, percebendo-a também como um meio de comunicação possível a todos. E neste ‘todos’ que me refiro remeto-me a questão das diferentes identidades e culturas, as quais nos deparamos diariamente nas escolas (e não somente nelas, mas em todos os lugares) e muitas vezes os currículos ou propostas fechadas e tradicionais não dão conta ou se quer as percebem. Resende (2006, p.37) ratifica que “[...] a realidade de um mundo multicultural é, hoje, uma das verdades mais latentes e uma questão que necessita ser captada e administrada pelas relações sociais das mais diversas instituições, dentre elas as educacionais”.

Oliveira (2007, p.73) permite-nos refletir em torno do conceito identidade, afirmando que “[...] deixou de ser pensada como algo puramente individual ou coletivo e passou a ser entendida como uma permanente negociação entre indivíduo e sociedade.” Assim, a autora me permite concluir que não posso considerar a identidade como algo pronto e acabado, onde cada educando chega na escola com a sua e saíra com ela intacta, da mesma forma como chegou. Acredito, a partir das palavras da autora, que a identidade é o resultado de nossas interações, só adquirindo sentido a partir delas. Ou seja, (Oliveira, 2007, p.74) “[...] a identidade não é um atributo original, que permanece fixo e imutável, trata-se de uma construção relacional, que se configura a partir de diferentes situações e relações comunicacionais e possui, portanto, um caráter multidimensional”.

Assim, as reflexões acima colocadas, juntamente com a realidade da Escola que escolhi para acompanhar-nos nesta caminhada, possibilitam-nos compreender que cada escola está situada em um lugar diferente, com recursos e sujeitos diferentes. Desta maneira as possibilidades e propostas traçadas pelos gestores precisam levar em conta estes pressupostos, de maneira que suas propostas (orientadas pelas artes ou não) tomem como ponto de partida a

própria realidade em que estão inseridos, as possibilidades que possuem, as características da comunidade, de todas as culturas e identidades que constituem este lugar. Daí a importância desta discussão inicial.

Percebidos como sujeitos de direitos e de cultura, os jovens estudantes vão deixando de ser percebidos apenas como alunos e passam a ser enxergados a partir de identidades específicas que remetem ao sensível, ao corpóreo, à expressividade cultural e estética, e às sociabilidades que se originam no exterior da instituição escolar. (Carrano, 2008, p.185)



3.2 Gestão escolar: outros caminhos começam a se configurar

Adentrando nos pressupostos de uma gestão escolar, utilizo-me de Canclini *apud* COSTA (2003, p.50) a fim de sinalizar a alguns gestores que por ventura encaixem-se ou identifiquem-se com uma postura mais acomodada para o risco de uma “aplicação rotineira de uma metodologia pouco disposta a questionar teoricamente sua prática” sugerindo um esforço maior nesse sentido.

Entendo que cabe ao gestor orientar a proposta pedagógica da escola, podendo instigar, motivar e apresentar a seus alunos diferentes formas de linguagem, diferentes maneiras de enxergar sua escola, de se relacionar com o (s) colega (s) e professores. Compreender que estas diferentes identidades podem/devem redimensionar seu trabalho enquanto gestor. Resende (2006, p.43) ratifica que

[...] é necessário que a leitura das ambigüidades seja feita. Criar espaços para confrontos entre o pensar e o agir, identificar diferenças, revisar e revisitado princípios, teorias, categorias e conceitos é prioritário e antecedente. É preciso, ainda, admitir rupturas e produzir superações que incluam o exercício da transcendência do discurso. É necessário que uma outra postura diante da realidade concreta seja processada.

No que se refere à comunicação entre estes diferentes sujeitos, de diferentes culturas, remeto-me diretamente ao termo interação, algo ocasionado de forma peculiar pelas artes, já que passo a considerá-la também, mas não somente, como uma forma de linguagem, e desta forma, Salvador (1994, p.101) corrobora com tais entendimentos, quando afirma que “a importância da interação como elemento desencadeante da construção do conhecimento não se limita à aprendizagem escolar, como alcança, também, alguns processos de mudança tipicamente evolutivos.” Além disso, “A interação entre os alunos não é necessária só porque o intercâmbio é condição para o convívio social na escola: ela é necessária porque informa a todos os envolvidos e potencializa quase infinitamente a aprendizagem.” Weisz (2006, p.73)

Quando Salvador (1994) e Weisz (2006) remetem-se à aprendizagem escolar, compreendo que esta se mostra como um “espelho” da formação do gestor, sua “forma de ensinar” de certo está interligada à forma como este “aprendeu” (se é que existem fórmulas para o processo ensino/aprendizagem, acredito que não), à sua formação como profissional.

A partir disso entendo a importância de lembrar sobre as formações de professores, já que compreendo que elas devem estimular tanto a crítica quanto a reflexão sobre a prática educativa, e conforme Resende (2006, p.38) “a escola e sua gestão se vêem diante da

necessidade de reestruturar e ressignificar os princípios do que sejam os processos do ensinar e do aprender.” Desta maneira, compartilho das considerações de Resende quando coloca que “a própria figura do gestor exige uma revisão, bem como seu papel, que, longe de buscar suas bases na homogeneidade, funda-se na diversidade como construção social.”

Diante desta necessidade de ressignificação e reestruturação, acredito que uma proposta embasada nas artes talvez venha a se apresentar como uma possibilidade de orientar o trabalho dos gestores. Oliveira (2005, p.67) alerta que

[...] a arte deve ser entendida como uma área do conhecimento humano, com uma linguagem própria, com objetivos claros, com domínio dos saberes pedagógicos e com domínio dos saberes disciplinares. Isso significa entender a arte não mais como suporte/cabide para outras disciplinas e, muito menos, executada somente a partir do fazer artístico. Ela precisa existir articulando saberes que tenham significado para a vida do nosso aluno e isso precisa estar claro nos nossos planejamentos escolares. Somente a intenção não basta, a ação precisa ser visível e acontecer realmente como prática pedagógica.

Compreendendo que tal proposta é orientada pelos gestores, Hernández (2008, p.39-40) ratifica que

O professor, no espaço que hoje se encontra, o primeiro que poderia fazer é pensar no papel que quer exercer nesta história e não esquecer que há uma esfera que lhe é própria e é a da relação que pode construir com seus alunos. Partindo disto, e assumindo que o trabalho docente não é individual, mas deve caminhar rumo a projetos compartilhados, deveria escolher o caminho que hoje pode construir com os estudantes, com seus colegas e a comunidade. Mas isto requer fixar, ainda que seja de forma provisória, onde se pretende ir. Algo que não costuma formar parte do pensamento dos docentes e da maneira de entender seu trabalho e que nós tratamos de resgatar em nossa proposta de formação.

Além disso, estes profissionais estão inseridos em um contexto educacional, o qual pode/deveria vir a desencadear algumas movimentações no campo das artes, por meio das inter-relações produzidas neste contexto, da grade curricular e dos fundamentos e princípios que norteiam a construção das políticas públicas. Segundo Vieira (2002, p.14)

A implementação de mudanças mais profundas na escola, que possibilitem uma melhor adequação às novas demandas sociais, proporcionando uma educação de qualidade requer alteração na concepção de gestão das organizações escolares. Aquele modelo de gestão que utiliza processos mecânicos de decisão e repetição acrítica das velhas soluções, terá que ser substituído por um novo modelo, mais dinâmico e flexível que possibilite as adaptações necessárias com a rapidez desejável.

Possibilitar aos gestores uma forma de pensamento autônomo que venha a facilitar as dinâmicas de autoformação participada. Reforço que esta formação não deve acontecer através do acúmulo, mas sim através do processo reflexivo sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Desta forma será possível que eles assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas sendo capazes, talvez, de resgatar a arte como um novo pressuposto no contexto escolar, uma área do conhecimento, da mesma forma que as demais disciplinas. Weisz (2006) elabora um paralelo a fim de melhor compreendermos este novo papel assumido pelo gestor (colocado por ela como gestora)

A visão que se tem do professor hoje é a de alguém que desenvolve uma prática complexa para a qual contribuem muitos conhecimentos de diferentes naturezas. Ele é mais do que uma correia de transmissão, alguém que simplesmente serviria de ligação entre o saber constituído e os alunos. Seu papel agora tende a ser mais exigente: precisa se tornar capaz de criar ou adaptar boas situações de aprendizagem, adequadas a seus alunos reais, cujos percursos de aprendizagem ele precisa saber reconhecer. (WEISZ, 2006, p.118)

Resende (2006, p.46) reafirma tal proposição quando salienta que “a própria construção do projeto depende da capacidade de diálogos demonstrada pelo grupo”. Desta maneira, a autora também destaca “as diferentes formas de diálogo que podem ser travados pelos educadores”, considerando isso como “um começo de posturas coletivas mais sólidas na escola”.

Entendo que cabe aos gestores criar/transformar a escola em um ambiente mais “aberto”, não de maneira que só escute e receba os pais nas entregas de boletim ou para reclamações do aluno em sala de aula ou em casa. É importante que os gestores e os pais dos alunos, assim como demais pessoas da comunidade, percebam o projeto desenvolvido na escola como de responsabilidade de todos, não somente dos gestores. É preciso que o projeto seja assumido por todos e desenvolvido não somente dentro da escola, mas também fora dela, em casa, na comunidade.

Posto isso, percebo que estas fissuras causadas pelas artes perpassam por toda a questão cultural da escola, dos alunos, dos gestores e demais sujeitos envolvidos. Assim, acredito que uma proposta de gestão embasada nas artes venha a desafiar muitos gestores a saírem de uma posição de inércia para provocarem movimentos e novas rupturas.

Desta forma, espero ao longo das teorizações conseguir esclarecer as interligações que percebo entre a gestão escolar e as artes e intensificar a importância da constante renovação da formação dos gestores de forma a repensar suas práticas escolares e intencionar realmente

aplicá-las, tirando-as da teoria de forma a utilizá-las para outros fins, para fins que tem como objetivo o próprio aluno e uma melhora e modificação de sua prática diária.

Segundo Vieira (2002, p.15)

A sociedade industrial ou moderna preocupou-se apenas em formar pessoas que soubessem ler, escrever e fazer contas, para poderem consumir e trabalhar nas indústrias, ou no comércio. Hoje é preciso repensar esses objetivos; a escola deve acolher outros valores orientadores de seu trabalho educacional junto aos estudantes, ampliando a visão de mundo os alunos, na expectativa de obter maior ressonância com a sociedade.

A convivência com a diversidade de raças e culturas, a busca pela perfeição aceitando nossa condição de seres humanos que cometem erros, a valorização da experiência, dos conhecimentos provisórios e do questionamento no processo de aprimoramento científico-social, a valorização da capacidade de lidar com a informação e a comunidade são itens importantes a serem considerados pela escola.

Desta maneira, Vieira remete-se às culturas envolvidas no contexto escolar, às culturas dos alunos, gestores e comunidade em geral. É isso que vem a definir e contornar nossas identidades e se reflete diariamente nos movimentos da escola. São estas questões que devem ser pensadas e consideradas pelos gestores de forma que seu trabalho valorize a diversidade e busque alcançar a todos, permitindo a qualquer um envolver-se, reconhecer-se enquanto sujeito que é, possuidor de um espaço e significância em um ambiente heterogêneo

A escola que propomos e buscamos é uma escola aberta à diversidade – a diversidade cultural, social e também individual. Considera-se que as formas de aprender diferem, que os tempos de aprendizagem também, e que não tem sentido sonhar com todos os alunos caminhando igualmente em seu processo de construção do conhecimento. A igualdade que se defende não se refere ao processo de aprendizagem, mas às condições oferecidas para favorecer a aprendizagem, pois o processo é sempre singular, inevitavelmente. (WEISZ, 2006, p. 106)

Assim, é a partir da percepção e conscientização das diferentes identidades e culturas envolvidas que o gestor passa a esboçar e tramar seu projeto de trabalho. Considerando que as identidades e culturas envolvidas são diversas e peculiares torna-se relevante que o gestor norteie seu trabalho pela democracia (gestão democrática). Pinheiro (2006, p.79) afirma que “[...] propor alternativas para uma gestão democrática significa a estruturação de uma prática administrativa reflexiva que viabilize uma ação social transformadora.”

Quanto ao diretor cabe-lhe a responsabilidade pelo gerenciamento desse Projeto, articulando as diferentes ações, trabalhando com as lideranças de base, acionando novas frentes, acompanhando a sua implementação e provendo informações. O envolvimento da comunidade é fundamental nesse processo e, para tanto, o diretor terá que desenvolver uma ação estratégica que se inicia com a sensibilização para evoluir no sentido de ganhar a confiança das pessoas para torná-las parceiras. Acontece que a participação da comunidade não poderá ocorrer de forma desordenada e acidental. É preciso regular esse processo, definir canais de

comunicação adequados e preparar as lideranças. O que ocorre, então, é uma mudança profunda nas relações existentes e nas relações de poder. (ALONSO, 2002, p.33)

Para tanto acredito que o gestor necessita aproximar-se dos sujeitos envolvidos, conhecê-los, saber de seus interesses e motivações de forma a optar por um caminho que se torne instigante e convidativo. Seria talvez um caminho norteado pelas artes uma forma do gestor conhecer e aproximar-se dos alunos, estreitando relações e (re) inventando o ambiente escolar?

Lanço algumas inquietações e conforme vou avançando na caminhada trago o subsídio de autores e de relatos de minhas experiências que possam ocasionar outras diferentes questões, considerando que esta caminhada que aqui realizamos não nos trará somente respostas (até mesmo porque esta não é a principal intenção). Ela nos aponta indícios e provavelmente ao final ainda nos deixará inquietos, com dúvidas que talvez nos possibilitem seguir pesquisando/investigando/caminhando em torno deste assunto.

Em relação ao questionamento lançado acima, Medeiros (2005, p.75) enfatiza que “[...] é arte aquilo que dá prazer, ou desprazer, sem conceito, isto é, aquilo que fala ao sensível e não pode ser dito. Esse sensível é aqui compreendido como o que afeta o ser, seja pelo intelecto, seja pelos sentidos, já que ambos não se situam em áreas estanques do ser.”

Desta maneira, aos poucos se percebe as (inter) relações no entrecruzamento que a caminhada propõe, de forma a repensarmos o papel assumido pela escola e seus gestores e a significância da posição assumida por estes na constituição e formação do contexto escolar.

Torna-se compreensível que para que algumas mudanças e fissuras aconteçam é imprescindível que haja o desenvolvimento de uma estrutura organizacional adequada de forma que venha a facilitar algumas adaptações ou mudanças a favor do desenvolvimento cultural dos sujeitos envolvidos. Ou, como Resende (2006, p.46) afirmaria “não me refiro a pequenos ajustes, mas à essência da luta democrática, na qual seja levada em consideração a diferença.”

Neste paradigma Vieira (2002, p. 19) alerta que

As organizações escolares são organizações complexas, ambíguas e paradoxais, o que nos traz a necessidade de entendê-las corretamente antes de adotar uma forma ou modelo de gestão. Por vezes, escolas repetem modelos de gestão assimilados inconscientemente pelos seus administradores e, futuramente, reproduzidos pelos próximos sucessores, sem o cuidado necessário para a compreensão da influência das concepções de gestão sobre os objetivos e resultados pretendidos.

O excerto acima talvez sirva-nos como uma das respostas à minha justificativa inicial da caminhada, que fala sobre a reduzida ou inexistente aplicabilidade de algumas teorias existentes. Precisamos compreender a constituição destes gestores envolvidos a fim de instigá-los a orientar seu trabalho por outro viés que não aquele assimilado de forma inconsciente, inconsistente. É preciso que os gestores assumam sua posição dentro da escola arriscando-se e propondo-se a trocar de trilha. Repensar a partir das práticas já existentes propondo, assim, novas trilhas para seguir, novos caminhos e novos olhares sobre sua proposta de gestão.

Para que estas fissuras possam acontecer torna-se necessário compreendermos que o trabalho de gestão não se define por uma separação/fragmentação de tarefas e funcionalidades. Precisamos compreender que o trabalho de gestão só toma sentido e forma a partir de propostas que envolvam a todos, a partir de atividades pedagógicas que constituem a atividades-fim ou propósitos da organização escolar. Isso implica, visto sob uma visão democrática, em uma responsabilidade do gestor com o trabalho pedagógico, já que este não pode ser considerado como de responsabilidade única dos gestores, ambos trabalham juntos. Prata (2002, p. 80) salienta

Vale ressaltar que não podemos mais compreender o trabalho de gestão escolar apenas como aquele que controla o orçamento, mantém a disciplina, coordena professores e pessoal administrativo e garante o cumprimento dos dias letivos. Temos de pensar num modelo de administração integrado às questões pedagógicas, em que todas as ações devem focar a educação que se quer produzir na escola.

Entendo, apesar disso, que esta participação de outros sujeitos que não somente dos gestores não implica em uma solução para todos os problemas, mas pode também gerar novos e diferentes problemas, o que tentarei exemplificar mais adiante a partir das minhas observações. Compreendo, porém, que um processo de gestão embasado na democracia demarca o ambiente escolar como um espaço de participação efetiva, sendo assim um “gestor” do respeito ao outro e da valorização as diversidades.

Busco, a partir destas teorizações/reflexões em torno da escola, dos gestores e a importância das diferentes culturas e identidades interligar o ensino e aprendizagem da arte. A arte como possibilidade de interligar estes pontos. A arte como um caminho que busca envolver estes diferentes sujeitos, reaproximando gestor e educando, de forma a ressignificar o ambiente escolar.

A busca por compreender o sujeito da aprendizagem não apenas como um aluno – objeto de aprendizagens -, mas, sim, como um sujeito cultural íntegro – portador de determinada experiência cultural – traz a questão do corpo para o centro do processo educativo. O trabalho corporal na escola precisa ser encarado não como técnica de controle disciplinar ou ferramenta acessória de rendimento escolar, mas como política de reconhecimento de si e de comunicação com o outro. (Carrano, 2008, p.204)



4 ESCOLHENDO UM CAMINHO E APRESENTANDO COLABORADORES

Já tendo dado os primeiros passos neste labirinto, passo a escolher um caminho para trilhar, para encontrar e/ou desencontrar respostas. Assim, inicialmente passo a considerar o projeto como inserido no contexto das artes e educação, caracterizando-se por ser um projeto de pesquisa com uma abordagem qualitativa. Conforme Minayo (1994, p.22)

[...] a abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desta forma, venho a considerar as diferentes formas em que arte possa se apresentar no contexto escolar, considerando, assim, as Artes Cênicas, Artes Visuais, a Música e a Dança. Tais considerações aparecem no trabalho de forma descritiva, a fim de manter uma maior fidedignidade aos fatos observados e analisados. Porém, intento junto às descrições trazidas, lançar questionamentos e interpretações particulares, já que considero necessário e importante em uma pesquisa que se caracteriza desta maneira.

Procurou explicar as concepções dos gestores, em relação a estas manifestações artísticas e os reflexos de tais concepções no corpo discente da escola. Assim, percebo educador e educando como absolutamente interligados, de forma às movimentações e posicionamentos de um, influenciarem diretamente nas posições e manifestações do outro.

Tendo estes pressupostos, o estudo aqui realizado, permeou inúmeros procedimentos tendo em vista que utilizei-me de fatos, observações, relatos e informações de uma Escola especificamente e dos sujeitos que nela estão inseridos. Situação esta que se deu pela minha efetiva inserção neste ambiente durante o período de um ano. Sendo assim, contornei tais constatações com estudos bibliográficos a fim de que se possa compreender melhor a significância dos momentos relatados em tal experiência.

Todos estes procedimentos partem de momentos de envolvimento, estudo e convivência na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Angelo Chiamolera, situada na zona rural do município de Bento Gonçalves/RS/Brasil. Diante disso, passo a considerar toda a população envolvida no contexto. Tal contexto aqui citado vai além da escola, ultrapassa seus muros e propõe-se a perceber, também, as contribuições e manifestações da comunidade em geral. Conforme Resende (2006, p.43)

A escola precisa ir além do discurso democrático, o que significa, entre outros aspectos, respeitar a concretude de sua comunidade, do efetivo exercício da democracia, por meio do qual todos – além de serem convidados a participar de um projeto comum vendo respeitados seus limites, reconhecidas suas riquezas e desenvolvidas suas potencialidades – tenham o seu tempo de amadurecimento epistemológico e tornem-se capazes de traçar seu próprio percurso reflexivo.

Entendo que o objetivo principal deste caminhar é perceber a forma como a gestão escolar percebe e orienta os processos educativos em relação às artes. Desta forma, como a gestão aqui citada abarca a gestão democrática, compreendo a necessidade e importância de levarmos em conta todos aqueles que se envolvem, de uma forma ou de outra, nestes processos educacionais.

A gestão democrática da educação formal está associada ao estabelecimento de mecanismos legais e institucionais e à organização de ações que desencadeiem a participação social: na formulação de políticas educacionais; no planejamento; na tomada de decisões; na definição do uso de recursos e necessidades de investimento; na execução das deliberações coletivas; nos momentos de avaliação da escola e da política educacional. Também a democratização do acesso e estratégias que garantam a permanência na escola, tendo como horizonte a universalização do ensino para toda a população, bem como o debate sobre a qualidade social dessa educação universalizada [...]. Esses processos devem garantir e mobilizar a presença dos diferentes atores envolvidos, que participam no nível dos sistemas de ensino e no nível da escola. (Medeiros *apud* LUCE, 2008)

Assim, a fim de situar alguns colaboradores, uso-me da Proposta Pedagógica da Escola, segundo a qual a equipe diretiva da escola é composta por Diretor, Vice-diretora e Conselho Escolar, havendo, também o CPM (Círculo de Pais e Mestres) e o Grêmio Estudantil, ambos auxiliam no bom andamento e funcionamento da Escola, inclusive o Conselho Escolar. Atuam e estão em pleno funcionamento. (*In* Proposta Pedagógica da Escola).

Além destes sujeitos citados acima, a escola atinge aproximadamente 130 famílias abrangendo a sede do Distrito e comunidades vizinhas. A comunidade participa das atividades programadas pela escola e, esta participa das atividades da comunidade, favorecendo a integração entre família, escola e comunidade. (*In* Proposta Pedagógica da Escola)

Assim, atualmente (2009) a escola possui aproximadamente 150 alunos, desde a Educação Infantil até a 8ª série (9º ano). Também conta com o auxílio de 4 funcionárias (merendeira, limpeza geral, secretária e bibliotecária) e um corpo docente de aproximadamente 14 professores (as), incluindo-se aqui diretor e vice-diretora.

A economia é voltada basicamente no cultivo de uvas e produção de vinhos. A escola insere-se numa região italiana, cujos alunos são oriundos de famílias de agricultores, em sua

grande maioria. A faixa etária dos alunos varia entre 5 a 16 anos. A religião predominante é a católica. (*In Proposta Pedagógica da Escola*)

Assim, todos estes colaboradores, que de uma maneira ou de outra constituem o ambiente escolar, fizeram parte de minha pesquisa, já que esta se utilizou essencialmente dos momentos de convivência e observação. Com isso, posso me arriscar a também considerar-me sujeito de pesquisa, sendo que estive lá enquanto professora da Sala de Recursos, submersa em tudo que acontecia, não havia escapatória, a neutralidade se torna impossível, eu participei, conversei, provoquei movimentos como qualquer outro, ou como melhor nos explicaria Hernández (2008, p.97) “[...] la idea del investigador como alguien que está dentro, que sostiene historias y no sólo las recoge, que se muestra como un personaje vulnerable y necesariamente em crisis.”

Desta forma, minha pesquisa descarta questionários ou entrevistas realizados de maneira tradicional e/ou pré-programada, já que as respostas obtidas em tais instrumentos poderiam não ser tão fidedignas àquilo que vivi e vi de forma natural e espontânea durante o período de um ano o qual estive compartilhando das atividades e experiências desta Escola. Minha experiência certamente vai além de tudo que estes instrumentos, talvez “falsamente”, me diriam.

Talvez esteja sendo um tanto “radical”, mas não creio que as respostas dadas em uma entrevista ou questionário, de forma às vezes apressada, indisposta e demasiadamente pensada, conseguissem explicar verdadeiramente a você leitor, os momentos que passo a trazer neste trabalho. Entendendo a impossibilidade de uma neutralidade, acredito e aposto que meu melhor instrumento de pesquisa neste caso é trazer/explanar e mostrar, também com fotografias, momentos que me pareceram importantes, provocadores e decisivos, os quais vieram ao encontro do meu problema inicial. Algo que certamente se configura como o meu olhar para esta caminhada, mas que deixa aberta a possibilidade de outras interpretações, outros olhares.

Que a escola seja um lugar de re-criar e politizar a vida social, de compreender a necessidade de não separar cognição e corpo, de se livrar de discursos binários aprisionadores, de se questionar ininterruptamente e de se preocupar com justiça social e ética! (Lopes, 2008, p.144)



5 SOBRE OS PASSOS QUE ME GUIARAM A ESTE CAMINHAR

Depois destes passos já dados, das conversas realizadas com autores convidados, de algumas indagações e incitações, eis que chega o momento de conversar sobre minhas vivências, sensações e experimentações que me possibilitaram escolher tal escola como objeto orientador do problema inicial deste trabalho.

Justifico-lhes que quando pensei em realizar tal pesquisa ainda não conhecia esta Escola, tampouco as pessoas que lá estudam ou trabalham. Quando pensei na pesquisa ponderava em procurar alguma escola, que se dispusesse a colaborar... Ir até lá, conversar, observar, entrevistar, enfim, tudo aquilo que se propõe em muitos projetos de pesquisa.

O fato é que no decorrer do ano de 2009, quando ainda estávamos nas disciplinas teóricas desta especialização, sem grandes preocupações com o trabalho final, começo a trabalhar nesta Escola. Aos poucos começo a me dar conta que não faria sentido buscar outra instituição, afinal de contas aquele era um espaço onde aconteciam importantes movimentos, movimentos que me interessavam pesquisar e que talvez, em outra escola, não seriam percebidos.

Acreditei que minha vivência diária seria minha maior e mais eficiente ferramenta de pesquisa. Acreditei também que aquela realidade que me surpreendia constantemente precisava ser mostrada, contada e cantada a outras pessoas. Acreditei que os movimentos que lá aconteciam poderiam instigar educadores/as e pesquisadores/as muitas vezes acostumados com outras realidades.

Deixo claro que não trago esta Escola como um exemplo a ser seguido, como um modelo sem defeitos, falhas ou imperfeições. Até mesmo porque isso seria hipocrisia de minha parte.

Procuro, porém, trazer momentos (positivos ou negativos) que considero importantes e que podem nos provocar, questionar, fazer refletir, ir e voltar, perder-se e desentender-se na nossa própria prática diária. Assim, que sigamos nesta caminhada pensando e refletindo sobre outro caminhar. Um caminhar já realizado que me instigou a seguir trilhando pelos labirintos, criando artisticamente e finalmente conversando sobre isso neste trabalho.

Como já esclareci no início desta caminhada, meu objetivo é perceber se as artes são pensadas e utilizadas como alternativa/caminho nas propostas dos gestores escolares. Diante disso, ao utilizar a palavra artes, no plural, passo a considerar movimentos que envolvem as diferentes formas/áreas de arte, sejam elas referentes às Artes Visuais, Cênicas, Música e a

Dança. E com isso, procurarei agora apresentar alguns momentos que perfizeram estas diferentes formas artísticas.

5.1 Artes Visuais

Movimentos artísticos no campo das Artes Visuais eram propostos em diferentes momentos e de diferentes maneiras. Assim, passo a relatar alguns que considero de maior importância, por conseguirem envolver toda a Escola, alunos/as, professores/as, funcionárias e até mesmo pais e comunidade em geral.

Um movimento bastante interessante é a “Amostra de Arte” que acontece anualmente na Escola. Segundo relatos de professoras, esta proposta iniciou-se de maneira tímida, de forma que os trabalhos dos alunos eram expostos na biblioteca da Escola.

Com o passar do tempo, esta idéia foi sendo ampliada e aperfeiçoada e o movimento tornou-se maior, conseguindo envolver de forma mais consistente todos estes sujeitos que constituem o ambiente escolar, além de possibilitar aos alunos um maior conhecimento e/ou contato com alguns artistas. Posto isso, no ano de 2009 a “Amostra de Arte” aconteceu no salão paroquial da comunidade (localizado em frente à Escola), tendo esta, uma proporção bem maior do que nos primeiros anos de realização.

Passo a falar um pouco sobre a “Amostra de Arte” de 2009...

Tendo a data da Amostra decidida, a professora de Artes da Escola (com formação em Educação Artística – ênfase em Artes Visuais) responsabilizou-se pela realização de diferentes trabalhos, com diferentes técnicas e objetivos, envolvendo os alunos de 5ª a 8ª série. A educação infantil e as séries iniciais realizaram seus trabalhos junto com a professora responsável pela turma em horário normal de aula. Assim, cada professora propôs algo diferente, algumas tentando relacionar com conteúdos que estavam trabalhando (os trabalhos realizados por estes alunos variaram desde maquetes, trabalhos com tinta, massa de modelar, desenhos livres ou mais direcionados – algumas professoras propuseram a realização em casa, junto com os pais). Os trabalhos realizados na Sala de Recursos da Escola durante todo o ano também estiveram presentes na Amostra.

A parte diretiva da Escola providenciou os materiais necessários para a realização e ornamentação do salão, mostrando-se disposta, colaborativa e participando ativamente com os

demais. Neste momento relembro algo já conversado nesta caminhada, em relação ao papel desempenhado pelos gestores e a gestão democrática.

Este exemplo parece mostrar-me claramente como estes processos que constituem a gestão baseada na democracia acontecem e são possíveis. Gestores e alunos trabalham juntos, dividindo responsabilidades e construindo momentos dentro e fora da Escola para o diálogo, para a conversa, para um momento de poder (re)conhecer o(s) outro(s). Gestores que trabalham dentro e fora da sala de aula e da Escola dialogam e caminham juntos na mesma direção, por isso são considerados todos gestores atuantes e constituintes de uma prática modificadora.

Voltando a Amostra de Arte...

Próximo à data da Amostra um grupo de pessoas responsabilizou-se pela organização do local e dos trabalhos. (varrer o salão, organizar as cadeiras e forrá-las, dispor os trabalhos, encher balões para enfeitar a entrada do salão, arrumar o mural, etc), de forma que todos os alunos de 5ª a 8ª série participaram deste momento. Além disso, vale destacar que este grupo de pessoas constituiu-se além destes alunos, também pela professora de Artes, pela diretora, secretária, coordenadora pedagógica e a professora da Sala de Recursos (eu), de maneira que todos iam se revezando, tentando conciliar as tarefas/responsabilidades diárias da Escola com a organização da Amostra.

Neste ano também foi proposto, junto a Amostra, um workshop com o artista plástico Ivalino Postal (artista do município de Bento Gonçalves). Assim, a “Amostra de Arte”, além de expor os trabalhos dos alunos, também contou com a presença deste artista plástico, de forma que os alunos puderam conhecer/compreender melhor como ele vive, trabalha, o que entende por arte, além de conhecer alguns instrumentos de trabalho e vê-lo criando.

Este momento foi realizado em um sábado letivo, de maneira que todos os alunos da Escola poderiam estar presentes, além da maioria dos professores e funcionárias. Os pais e a comunidade também foram convidados a visitar a Amostra.

Neste dia o artista convidado, além de conversar com os alunos, pintou uma tela a partir de alguns pedidos e contribuições dos alunos. O quadro foi doado para a Escola, onde ficou exposto.

Vale destacar que durante a Amostra de Arte, além dos alunos “ocuparem-se da posição de artistas”, responsáveis pelos trabalhos expostos, também puderam apreciar os trabalhos dos colegas, de forma a questionar, interpretar e conversar sobre o que cada trabalho

lhes causava. Um momento em que puderam formular hipóteses e identificar-se com alguns trabalhos em especial. Teriam estes alguma relação com sua própria identidade e cultura?

O fato é que este “criar e apreciar” possibilitou uma leitura particular e subjetiva de cada um, de forma que passamos a conceber a arte não mais somente como uma expressão, mas também como cultura. Além disso, este período de organização e o próprio dia da Amostra, ao meu olhar, possibilitaram momentos diferentes daqueles vivenciados normalmente e diariamente na Escola, de maneira que gestores, alunos, funcionárias e até mesmo os pais e a comunidade podiam conversar de outra forma, sem assuntos pré-determinados, queixas, reclamações ou tomadas de decisões, pontos que são comumente tratados em conjunto.

A “Amostra de Arte” conseguiu envolver a todos estes sujeitos que constituem o ambiente escolar, reunindo as diferentes culturas e identidades a partir das Artes Visuais. Isso nos possibilita pensar que a posição do gestor realmente vai além de algumas práticas administrativas, necessitando estender-se para fora da diretoria, e até mesmo para fora da escola, conversando, conhecendo e reconstruindo sua relação com os alunos, além de uma reconstrução do próprio ambiente escolar.

Destaco também que após o dia da Amostra os professores deram seqüência a discussões em sala de aula, sendo que alguns propuseram uma releitura do quadro pintado pelo artista convidado. Assim, foi possível perceber de que maneira cada um se sentiu frente à Amostra, as sensações, curiosidades, incitações, estranhamentos e até mesmo reconceituações em torno da palavra arte.

Além da “Amostra de Arte”, outros movimentos envolvendo as Artes Visuais eram propostos ao longo do ano...

Considerando que a comunidade escolar era praticamente católica, como consta no próprio PPP da Escola, muitos destes movimentos relacionavam-se a datas comemorativas religiosas. Assim, nas proximidades da comemoração de Corpus Christi os alunos e gestores envolviam-se com o “Projeto Corpus Christi”. Os gestores justificam tal Projeto ressaltando que

A convivência comunitária acontece através da motivação e do envolvimento dos seus membros nos eventos que acontecem na própria comunidade. Por isso que anualmente, a escola motiva os estudantes, que também são membros comunitários, a participar deste evento religioso que acontece na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Faria Lemos. (In Projeto Corpus Christi)

Assim, a realização do Projeto envolve os alunos e gestores na realização de algumas atividades, como por exemplo, a reflexão e ilustração dos temas, a confecção de painéis pelas equipes da gincana estudantil, a doação de alimentos não perecíveis e/ou agasalhos e a participação na Celebração Litúrgica e na Procissão. Além disso, envolvem-se na tarefa de colorir serragem, de forma que no dia da comemoração organizam os “tapetes de serragem” que formam imagens religiosas relacionadas à data. Os tapetes são criados e dispostos na praça em frente à igreja, que também fica em frente à Escola. Esta proposta envolve os alunos, gestores e funcionárias, além de estreitar relações da Escola com a comunidade em geral, já que todos participam da celebração.

Nas proximidades do Natal os alunos, gestores e funcionárias, além de ornamentar a própria Escola, também eram responsáveis pela ornamentação da praça. Pude perceber que tais responsabilidades não eram realizadas de má vontade, com reclamações ou queixas de falta de tempo. Pelo contrário, todos pareciam gostar muito de contribuir, tanto que neste ano passado uma das funcionárias da Escola chegou um dia para trabalhar carregando sacolas cheias de flores (feitas de garrafa *pet*) que ela havia feito/criado em casa, sem que ninguém tivesse lhe pedido nada, mas porque “gostava de fazer”.

Penso que esta é uma das tarefas mais importantes e talvez difíceis para os gestores... Construir, criar momentos e possibilidades que incitem o desejo pela arte, que revelem habilidades às vezes desconhecidas, que aproximem as pessoas e as façam se conhecer de outra maneira.

A ornamentação, além de envolver a confecção das flores de garrafa *pet*, também envolvia a decoração dos murais, a colocação de outros enfeites, a pintura de quadros (pela professora de Artes) e a criação do presépio (realizada também pelos alunos e gestores). Desta maneira, diferentes maneiras de se pensar e trabalhar as Artes Visuais e também o artesanato eram conhecidas e realizadas, já que os alunos participavam intensamente destes momentos de criação e organização. Com isso, parece-me que se tornava mais fácil compreender o sentido de tudo aquilo que era proposto, uma valorização maior de cada detalhe, de cada colega, dos próprios gestores.

Talvez estes relatos pareçam-lhe simples, mas o fato é que ao me reportar a minha própria vida escolar não me lembro de nenhum momento em que os gestores demonstrassem tal interesse e preocupação com a realização de movimentos parecidos. Talvez a correria e as preocupações administrativas atrapalhassem, e a prática fizesse com que muitos comprassem

alguns enfeites e pronto, nada que fugisse muito da rotina, que gerasse muito tumulto, que criasse novos diálogos, aproximações, reconstruções e criações.

Diante disso, defendo a idéia de que enquanto gestores permitamo-nos questionar e refletir sobre o lugar que queremos ocupar. Por que não provocar movimentos que abram novas fissuras, que permitam a transitoriedade de outros conhecimentos?

Conceber novos conhecimentos e a escola em si aparece-nos como um grande desafio em que a primeira e mais fácil estratégia é seguirmos pelo caminho que outros já trilharam, sem que ousemos dar alguns passos para fora desta trilha. Conforme Martins (2007, p.350)

Isso implica a saída do abrigo do que é conhecido e como é conhecido, desabrigando-se no desaprender, movendo-se na recusa da mesmice a reconhecimento que nos põe na repetição confortável de saberes seja na leitura de uma obra de arte ou na produção de um fazer-artístico.

Loponte (2007, p.236) complementa afirmando que

Não há receitas para ser um “bom professor” ou uma “boa professora”, há inúmeras possibilidades de ser docente. Uma docência que se faz “artista” pode ser aquela que assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se. Um trabalho sobre si mesmo que não se faz sozinho. As relações intersubjetivas são fundamentais para a formação docente. Não há estética de si mesmo na solidão. A formação docente é uma ação compartilhada com pares, grupos diversos (dentro ou fora da escola).

Assim, após estas reflexões entre os relatos, sigo trazendo outros movimentos envolvendo as artes, mas não somente as Artes Visuais. Tais movimentos aqui colocados em discussão e reflexão, nos possibilitam ir refletindo sobre as fissuras causadas no ambiente escolar se pensarmos nas artes como uma possibilidade de reconstrução de lugares e pessoas, de criação e manifestação. Assim, os relatos que começo a trazer nos permitem também conhecer melhor a Escola, além da posição assumida pelos gestores e da implicabilidade de tais ações.

5.2 Artes Cênicas

As manifestações referentes às Artes Cênicas foram percebidas com estreita relação à religiosidade da Escola e comunidade em geral, assim como em celebrações e outras datas comemorativas. Desta maneira, diferentemente das Artes Visuais, que possui um espaço e momento de encontro e reflexão anual (Amostra de Arte), as Artes Cênicas ainda não se

ocupam deste mesmo lugar, talvez isso se explique pelo fato da Escola não possuir professor (a) com tal formação. Porém, compreendo que alguns passos já estão sendo dados e o envolvimento e criações dos alunos e gestores me possibilitam relatar alguns momentos e a significância de tais.

Um momento que me possibilitou refletir foi nas vésperas do dia de São João, no qual a Escola se preparava para a festa Junina. Junto a isso os preparativos, ensaios e organização do casamento caipira.

Os alunos encenavam o casamento a partir de um roteiro feito por uma gestora responsável, tendo, assim, a distribuição de falas e papéis devidamente organizada por ela. Estes ensaios aconteciam no pátio da escola, em horários de aula.

Neste momento, podendo assistir e acompanhar alguns momentos de ensaio dos alunos, os quais também eram orientados e acompanhados por esta mesma gestora, permito-me refletir sobre esta exposição do corpo no momento da interpretação. Diferentes alunos, de diferentes idades, com diferentes identidades colocam-se em uma posição de atores, na qual há uma exposição do próprio corpo e de suas próprias “deficiências”, sejam elas referentes à fala ou ao corpo (lembro-me especialmente de um aluno da 6ª série que apresenta um problema na fala, e na apresentação interpretava o pai da noiva – alguns queixavam-se de não compreender o que ele falava).

Isso me permite refletir sobre o objetivo de tais propostas, já que

Ao desenvolver atividades de expressão artística baseadas no jogo infantil, não se pretende formar um artista, mas um ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações e de utilizar diversas formas de linguagem. O objetivo das atividades é formar um ser social, apto a construir gradualmente sua própria escala de valores e desenvolver seu senso estético. (REVERBEL, 1989, p.36)

Assim, penso na necessidade de refletir sobre o fato do teatro aparecer-nos como um revelador, tanto de nossas qualidades e habilidades, como também de nossas “deficiências”, ou seja, um revelador de nossa identidade e cultura. Desta forma, cabe dizer que “cada aluno cria na medida de suas possibilidades”.

Que enquanto gestores possamos pensar nossos alunos não como atores profissionais, mas como sujeitos que encontram naquele momento, naquela proposta uma forma de participar, de se envolver, de apresentar-se ao outro, de conhecer e aproximar-se, perceber e descobrir seu próprio corpo, o espaço que ele ocupa neste lugar chamado escola. Um

momento de conhecer-se, de dialogar e de encontrar caminhos que apresentem àqueles que ainda não conhecem suas potencialidades, seus desejos, sua cultura e identidade.

O teatro se coloca também como uma possibilidade de aproximação dos gestores com os alunos de forma a melhor conhecer e compreender suas diferentes identidades e culturas. Que os gestores possam pensar o teatro desta maneira e não com o mesmo olhar de um diretor selecionando os “melhores” atores para uma peça.

Entendo que não relatei exatamente os momentos de ensaio do casamento caipira, pois talvez o mais interessante e importante neste momento da caminhada não seja somente o relato em si, mas sim, algumas reflexões que hoje consigo fazer a partir de inquietações que me acometeram naquele período de convivência. Além disso, sinto que os movimentos propostos nesta área ainda são bastante tímidos e condizentes com aqueles comumente vivenciados em outras escolas, de forma que os ‘jogos’ ainda não são percebidos e trabalhados neste contexto.

Segundo Reverbel (1989, p.25), “[...] através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia.” Com isso, conseqüentemente, “vai desenvolvendo a aprendizagem da arte e das demais disciplinas.”

Nestes momentos de ensaio pude perceber também que alunos às vezes mais calados e quietos em sala de aula encontram um espaço para falar, para se apresentar, se fazer conhecer. Além disso, aqueles alunos que apresentam problemas de indisciplina em sala de aula mudam sua atuação neste “centro de atenções” que parecem (desejam?) ocupar, não mais causando tumulto por suas atitudes “indesejadas”, mas encontrando no teatro uma forma de falar e expressar que não ofende e incomoda o(s) outro(s)... Sai de um monólogo que intenta desestabilizar o outro pela desordem e passa a contracenar com o outro, não mais sozinho em cena. E, segundo Reverbel (1989, p.31), “Atuar, observar e criticar são ações fundamentais para a formação da personalidade do aluno, o qual adquire ao mesmo tempo domínio da linguagem gestual e verbal.”

Dando seguimento aos relatos, lembro-me também dos preparativos para a encenação de Natal (realizada por muitas escolas). Trago este momento pensando que na Escola em questão os alunos apresentavam-se na celebração de Natal, realizada na igreja.

Desta maneira, uma proposta aparentemente simples e tradicional pula os muros da Escola e gera um encontro dos alunos, gestores, pais e comunidade. Os mesmos “artistas” que decoram a igreja e a praça na celebração de Corpus Christi também responsabilizam-se pela

encenação de Natal. Momentos que aproximam estes sujeitos que constituem o ambiente escolar, possibilitando o diálogo e a constituição de novos trabalhos e ações conjuntas (gestão democrática).

Proponho, que a partir destas reflexões trazidas em torno das Artes Cênicas, possamos repensar nossas próprias concepções a respeito das artes. Que ao nos propormos a utilizá-las em nossa caminhada enquanto gestores tenhamos consciência destes pontos aqui discutidos, desconstruindo alguns pré-conceitos em torno desta palavra.

Que permitamo-nos desvinculá-la de uma perfeição e de uma beleza muitas vezes buscada nas propostas escolares. Que as reflexões aqui trazidas permitam-nos ir além de antigas e ultrapassadas concepções que muitas vezes nos impossibilitam de ir além daquilo que está programado ou já foi realizado por outros. Que a partir de sua realidade os gestores busquem utilizar-se destas características peculiares do seu ambiente, transformando-as em possibilidades, trilhando e criando novos caminhos.

Finalmente, ao refletir sobre os movimentos aqui trazidos e problematizados, que os gestores sintam-se instigados pela necessidade de ir além destas apresentações em datas comemorativas ou finais de ano, apostando na importância de trabalhar e explorar a corporeidade, a produção espontânea do teatro e o movimento criativo. Que nossos conceitos em torno do teatro na escola possam ser repensados, de forma a compreendê-lo também como uma forma de expressão, já que pressupõe a comunicação.

5.3 Música

Ao me reportar as propostas da Escola envolvendo a Música², lembro-me de algumas que demonstram estratégias, trocas de caminho e busca de parceria por parte dos gestores colaboradores neste trabalho. Justifico a necessidade de iniciar este relato de tal maneira visto que em muitas escolas ainda não existe um professor de Música e, portanto o que acontece é que estes movimentos em relação a esta área não acontecem, ficam esquecidos, ou no caso desta Escola, se dão de uma forma peculiar.

Assim, a Escola que contorna esta caminhada também não possui um professor efetivo com tal formação. No entanto, visto toda a caminhada da própria Escola junto com a comunidade, como já foi relatado em momentos anteriores, os gestores buscaram nesta

² Optei pela utilização da letra maiúscula compreendendo que me refiro à Música enquanto área do conhecimento ou disciplina dos currículos escolares.

parceria formas de possibilitar aos alunos um maior contato com esta área. Desta maneira, o professor de Música desta Escola poderia ser definido como um antigo “conhecedor e parceiro da escola”.

Um músico, já aposentado, muito próximo desta comunidade, que se envolve em projetos e propostas da área. Vai à Escola todas as quintas-feiras a tarde, ensinar flauta-doce aos alunos das séries iniciais. Organiza as aulas, os ensaios e as apresentações, até mesmo fora da comunidade. Além deste trabalho também se responsabiliza pelo grupo de canto-coral.

Ao problematizar este breve relato aparecem-me dois pontos importantes para uma discussão (a ser realizada num outro momento, mas válidos de serem lançados aqui): o fato de que esta “parceria” dos gestores demonstra um comprometimento e interesse dos mesmos em trabalhar a Música na Escola; um segundo ponto, porém, nos faz refletir sobre o descaso com o ensino da Música nas escolas (especialmente as da rede pública), já que apesar de alguns passos já terem sido dados nesta direção, poucas instituições possuem um professor efetivo com tal formação.

Porém, relembro que meu problema inicial nesta caminhada é perceber se as artes são pensadas e trabalhadas pelos gestores, utilizo-me destes momentos de convivência a fim de relatar, mas também problematizar os movimentos ocasionados e pensados pelos gestores. Estas propostas modificam o ambiente escolar? De que maneira?

Vejo as propostas envolvendo a Música, nesta Escola, como possibilitadoras e geradoras de movimentos que envolvem e levam os alunos para além de sua comunidade³. Isso me faz perceber as dimensões que estas propostas podem gerar a estes alunos. Passeios, apresentações, viagens, encontros, conhecer novos lugares, novos instrumentos, novos e diferentes artistas, reposicionar-se, incluir-se, participar. Será que poderíamos pensar na Música como um recurso?

Outro ponto que as vivências também me fazem refletir é o “tato” que precisamos ter ao trabalharmos/ensinarmos Música para os alunos. Este trabalho, para alguns, pode ser de extrema significância, tanto positiva quanto negativamente. Refiro-me aqui a arte como forma de exclusão.

Lembro-me de um fato em relação a isso quando uma aluna de oito anos dizia-me que iria desistir da flauta-doce, pois não participaria da apresentação no final do ano, já que “não sabia tocar direito”. Ao falar com o professor, ele voltou a conversar e explicar para a aluna, que ela não participaria daquela apresentação, mas de outra (ela pareceu compreender, mas

³ Isso considerando que muitos saem pouco dali, alguns/muitos perder-se-iam se tivessem que andar no centro da cidade, conforme a fala deles mesmos.

num primeiro momento parecia sentir-se excluída, inferior ou incapaz frente ao professor e aos colegas).

Assim, uma fala aparentemente simples, mas que nos faz refletir. Atentar para que o ensino da Música na escola não venha a gerar estes processos de exclusão. Que seja visto e pensado da mesma forma como as Artes Cênicas e as Artes Visuais, sem o intuito principal de formar grandes músicos, atores e artistas plásticos, mas sim como uma forma de (re)criar momentos, movimentos e novas relações que se tecem a partir disso.

Além destes momentos de ensino de Música, remeto-me também a outras manifestações, aparentemente sem esta orientação de um professor especialista. Conhecimentos já adquiridos, talvez fora da Escola.

Alguns alunos tocavam violão e/ou cantavam, organizavam-se em dupla para apresentações. Posto isso, em diferentes momentos da Escola os gestores organizavam-se com eles para apresentações.

Este relato diferencia-se do anterior, pois apresentava alunos em um momento e posição diferente dos outros, com mais autonomia e independência. Provavelmente o resultado de trabalhos anteriores com Música, demonstrando uma trajetória diferente neste sentido.

Isso me faz perceber que além das práticas oferecidas pelos gestores na Escola, alguns alunos já trazem uma bagagem musical. Que os gestores possam atentar para estes sujeitos, construindo e possibilitando momentos artísticos. Poder perceber que estes diferentes sujeitos, de diferentes culturas e identidades apresentam-nos diferentes músicas e para cada um esta área tem uma importância diferente.

Finalmente, que este breve relato em relação à Música atente os gestores para a necessidade de se trabalhar as músicas na escola, enquanto possibilitadoras de diferentes movimentos. A Música enquanto entrecruzada nestas culturas e identidades que constituem o ambiente escolar, de forma que a cultura e identidade de cada um constitui sua forma de realizá-la, e a Música, da mesma maneira, apresenta-se como constituinte destas culturas e identidades.

Que possamos nos dar conta de que o ensino da Música na escola pode ir além deste horário fixo da aula, como possibilidade de estar sendo trabalhada de forma articulada as outras disciplinas. Que possamos pensar e apostar nestas articulações, que vão se dando através destes momentos que ultrapassam a aula de flauta-doce, por exemplo, que levam os alunos para o pátio, para apresentações, passeios, eventos, que convidam os demais, que

geram estes momentos nem sempre programados e esperados, mas que possibilitam uma inserção mais efetiva da Música na escola, uma articulação com estes outros movimentos que ali acontecem.

5.4 Dança

Após relatar e problematizar os movimentos referentes às Artes Visuais, às Artes Cênicas e à Música, passo, finalmente, às manifestações em relação à Dança. Os movimentos em relação a esta área parecem se dar de forma mais independente e autônoma, sem muita orientação e acompanhamento de um gestor responsável.

Assim, o que pude observar neste período de convivência foi a iniciativa de um grupo de meninas, que se reúnem para criar e ensaiar. Algumas parecem fazer aulas de dança do ventre fora da Escola, mas estes aprendizados “extras” refletem-se diretamente no ambiente escolar.

Suas apresentações se dão em diferentes momentos, sejam eles de homenagem em alguma data específica ou comemorações da Escola. Porém, o que me parece, e até cheguei conversar/sugerir para alguns gestores, foi que talvez a criação de um grupo de Dança na Escola, que pudesse ter um horário e um local específico na semana para se encontrar, ensaiar, conversar e criar, fosse um espaço necessário, que vem de encontro a estas manifestações que já acontecem, uma forma de valorizar e enxergar estas necessidades dos alunos.

Lembro-me que no momento em que conversávamos sobre isso os gestores mostraram-se entusiasmados com a idéia, lembrando de uma professora de Dança que há algum tempo já se propunha a desenvolver algo neste sentido. Esbarrariam talvez no problema de espaço físico, já que a Escola não possui um salão, ginásio ou sala de aula que não seja ocupada com aulas. Mas conhecendo a realidade que aqui trago penso que este espaço que a Escola já possui na comunidade talvez venha a incitá-los sobre esta idéia, pensando em alternativas para realizá-la.

O fato é que cada realidade é uma e as necessidades também. Enquanto gestores precisamos nos adaptar a nossa realidade, utilizá-la da melhor maneira, porém, junto a isso precisamos também reivindicar por estes espaços na escola, espaços que abriguem e possibilitem de forma mais digna estas manifestações.

O que me lembro neste momento é algo conversado bem no início desta caminhada... Em relação às artes terem seus educandos seguidores, mesmo que timidamente. Que enquanto gestores permitamo-nos apurar nosso olhar em torno destas manifestações, destes desejos manifestados. Que permitamo-nos “dançar junto com os alunos”, compreendendo a Dança também como uma forma de expressão do movimento, expressão de passos, de gestos e de criação.

Percebê-la como um processo performativo que não trabalha, no entanto, somente com o movimento, mas também com sensações, sentimentos e percepções sensoriais (ritmo, sonoridade, visão e expressão). Que o trabalho com a Dança na escola sirva-nos para conhecer as diferentes culturas, para apresentá-las e modificá-las.

Que da mesma forma como problematizado em relação às Artes Cênicas, que a Dança não apareça na escola somente em datas comemorativas, demonstrando pouco caso ou desinteresse por todo este trabalho corporal e criativo que envolve o sujeito antes e durante a apresentação. Que possamos pensar sobre os processos e não simplesmente nos resultados. Que assim consideremos de forma mais cuidadosa as individualidades e identidades que aparecem na escola e as formas como estas se manifestam através da Dança, ou melhor, das danças.

Isso pode ser amplamente desenvolvido tendo em vista que a Dança é uma das artes mais presentes no dia-a-dia. Indiferente da cultura, da idade e do sexo, o movimentar-se é algo primordial e, muito embora, como percebemos aqui, este trabalho ainda não apresenta grande estruturação na escola, é sim, um processo de interação, de descobrimento e de lazer para a comunidade. Como coloquei, os espaços para este tipo de manifestação artística na escola ainda são restritos e com isso, necessita do olhar dos gestores e da comunidade tendo em vista que a importância e a presença desta na comunidade ainda não perfaz o mesmo valor e reconhecimento na escola.

“Ao se ensinar e aprender arte é preciso que se assegure continuidade e ruptura, garantindo uma prática artística/pedagógica consistente, responsável e respeitável. Para além da inteligência e da percepção, já instituídas. Rumo ao pensamento. Ao se lidar com arte, lida-se não somente com conhecimento específico, com sensibilidade e com emoção, com identidade e com subjetividade, mas também e certamente com o pensamento.” (Pimentel, 2007p.293)



6 ÚLTIMOS PASSOS DESTA CAMINHADA, MAS OS PRIMEIROS DE TANTAS OUTRAS...

Eis que chego neste último capítulo, aquele no qual devo lembrar-lhe de alguns passos dados logo atrás, de alguns questionamentos, relatos e conversas. Conversas essas que intentaram trazer-te para este caminhar, trazer-te também como parte desta caminhada, como alguém que lê, ouve, mas também fala, contribui, constrói problemas, dúvidas, respostas, pensa em novas trilhas, em sua prática, em reformulações. E que possamos sempre que necessário pensar nestes passos dados logo atrás, neste processo de caminhar, sem excitações por chegar às últimas linhas e encontrar a resposta ao problema inicial, já que isso talvez não venha a acontecer ou pior, venha a nos decepcionar. Além disso, o apontar respostas talvez nos impossibilitasse de seguir perguntando e pensando.

A idéia principal, portanto, não foi a de organizar um receituário, de forma que ao final trouxesse a solução para o problema apontado no início, mas sim perceber se as artes são pensadas e utilizadas como alternativa/caminho nas propostas dos gestores escolares. Neste sentido, minha intenção foi a de que esta caminhada incitasse-nos a arte de perguntar, de se questionar e refletir sobre aquilo que acontece e não acontece, sobre fatos e coisas que aparentemente já estão dados, intocados e inquestionados.

Que possamos pensar na arte de perguntar não como forma de criticar, mas de reconstruir, melhorar, incitar a novas criações, elaborações. E, da mesma forma, que possamos pensar na arte como um processo de criação e experiênciação do sujeito, não esperando algo “perfeito”, artistas plásticos, atores, músicos ou dançarinos, mas sim sujeitos capazes de se expressar e realizar atividades que os façam interagir e conviver de forma democrática em seus espaços sociais.

Espero, assim, ter conseguido a partir de meus relatos e problematizações questionar sobre o papel das artes na escola e seu reflexo na comunidade. Sobre as trocas de trilha que às vezes é necessário fazer e sobre os riscos que talvez precisemos correr.

Penso que a realidade que trouxe nesta caminhada permite-nos pensar as artes na escola como desencadeadoras de diferentes movimentos, movimentos estes que reconfiguram o ambiente escolar, modificam a relação do gestor com os alunos e dos alunos entre eles mesmos. Entendo, porém que aqueles que se propõe a percorrer por este caminho orientado pelas artes podem perceber-se muitas vezes sozinho e então ter que buscar, antes disso, parceiros para caminhar. Apostar na gestão democrática como uma forma mais segura de

percorrer o caminho das artes, afinal de contas, melhor “perder-se” em grupo do que sozinho, não acha?

Que os relatos aqui trazidos permitam-nos pensar nas artes como uma proposta dos gestores no ambiente da escola pública, buscando parceiros e trilhas alternativas. Que estas propostas situem os alunos como autores modificadores, como sujeitos diferentes por sua cultura e identidade, já que assim são as escolas, lugares heterogêneos. Por que então buscamos padronizar os alunos? Por que não buscamos uma linguagem em comum, que todos se entendam e tenham voz para “falar”?

Finalmente, penso que, enquanto gestores, precisamos incitar-nos a andar por estes caminhos mais tumultuados, sem receitas ou respostas prontas. Que possamos perceber a necessidade e importância de conhecer e compreender melhor as identidades e culturas dos nossos alunos, se quisermos pensar em uma gestão baseada na democracia. Que não tenhamos medo de cair, criar e construir... Que não pensemos que a trilha na qual andamos é a única alternativa e que nada mais há além dela...

A caminhada

Charles Chaplin

Tua caminhada ainda não terminou...
A realidade te acolhe dizendo que pela frente
O horizonte da vida necessita de tuas palavras e do teu silêncio.

Se amanhã sentires saudades,
lembra-te da fantasia e sonha com tua próxima vitória.
Vitória que todas as armas do mundo jamais conseguirão obter,
porque é uma vitória que surge da paz e não do ressentimento.

É certo que irás encontrar situações tempestuosas novamente,
mas haverá de ver sempre o lado bom da chuva
que cai e não a faceta do raio que destrói.

Se não consegues entender que o céu deve estar dentro de ti,
É inútil buscá-lo acima das nuvens e ao lado das estrelas.
Por mais que tenhas errado e erres, para ti haverá sempre esperança.
Enquanto te envergonhares de teus erros.

Tu és jovem.
Atender a quem te chama é belo,
lutar por quem te rejeita é quase chegar a perfeição.

A juventude precisa de sonhos
e se nutrir de lembranças,
Assim como leito dos rios precisa da água que rola
e o coração necessita de afeto.

Não faças do amanhã sinônimo do nunca,
Nem do ontem te seja o mesmo que nunca mais.

Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
Mas vá em frente pois há muitos que precisam que chegues
para poderem seguir-te.

Considero, a partir deste poema, que as pedras/dificuldades encontradas nesta caminhada passam aqui a configurarem-se como os alicerces que sustentam as outras caminhadas, as outras alternativas. É neste sentido então, que as artes, com suas mais variadas manifestações apresenta-se, se bem articuladas e encaminhadas a partir de um proposta democrática trabalhada e organizada com a presença dos gestores e comunidade, como um caminho frente ao contingente de empecilhos presentes em nossas trilhas.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Myrtes, *et al.* **Formação de Gestores Escolares – Para utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação.** Secretaria Estadual de Educação do Pará: Takano e Editora Gráfica, 2002.
- ARANTES, Kelly Christina Mendes. Ocupando o lugar do “Outro”: Cultura Visual e Experiência Docente. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismos e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.) **Multiculturalismo - Diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.) **Multiculturalismo - Diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHAPLIN, Charles. **A caminhada.** In: <http://saborpoesia.br.tripod.com/poesia/02.05-05-11.chaplin.htm>. Acesso em 01 de Jun. de 2010.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação.** 3 Ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 23, p.36-61, 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** 2 ED. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, V.22, Nº 2, JUL/DEZ, P.17-46, 1997.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **La Investigación basada em las artes: propuestas para pensar la investigación em educación.** Educatio siglo XXI: Revista de la Facultad de Educación,

ISSN 1699-2105, Nº. 26, 2008 (Ejemplar dedicado a: Hibridación en las artes plásticas), pags. 85-118

LAMPERT, Jociele. Estágio supervisionado: andarilhando no caminho das Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Sexualidade em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.) **Multiculturalismo - Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em Arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

LUCE, Maria Beatriz, MEDEIROS, Isabel Letícia Pedroso. **Gestão Democrática Escolar**, 2008. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2666/gestao-democratica-escolar>. Acesso em 26 mar. 2010.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

MARTINS, Rosilda Baron. Educação para a cidadania: O projeto político-pedagógico como elemento articulador. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de (Orgs.). **Escola: Espaço do projeto político-pedagógico**. 10ª ED. São Paulo: Papirus, 2006.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Formação para a sensibilização da *Aisthesis*. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

MINAYO, Maria Cecília. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1994

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

OLIVEIRA, Rejane de. Cenários interculturais: globalismo, imigração e a conformação das identidades argentinas na experiência da diáspora. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

PICOSQUE, Gisa; MARTINS, Mirian Celeste. Travessias para fluxos desejantes do professor-propositor. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Formação de professor@s: ensino de arte e tecnologias contemporâneas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

PINHEIRO, Maria Eveline. A ação coletiva como referencial para a organização do trabalho pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de (Orgs.). **Escola: Espaço do projeto político-pedagógico**. 10ª Ed. São Paulo: Papyrus, 2006.

PRATA, Carmen Lúcia. Gestão Escolar e as Tecnologias. In: **Formação de Gestores Escolares – Para utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação**. Secretaria Estadual de Educação do Pará: Takano e Editora Gráfica, 2002.

Projeto: Corpus Christi.

Proposta Pedagógica da Escola.

RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de. A perspectiva multicultural no projeto político-pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de (Orgs.). **Escola: Espaço do projeto político-pedagógico**. 10ª Ed. São Paulo: Papyrus, 2006.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. Porto Alegre: Editora Scipione, 1989.

SALVADOR, César Coll. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

VIEIRA, Alexandre Thomaz. Construindo uma nova escola. In: **Formação de Gestores Escolares – Para utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação**. Secretaria Estadual de Educação do Pará: Takano e Editora Gráfica, 2002.